

Conflito: o desafio de viver em paz

Conflict: The Challenge of Living in Peace

Elisa Gonsalves Possebon
Fabrício Possebon
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa-Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo examinar a noção de conflito como elemento intrínseco das relações humanas, a partir da pesquisa bibliográfica. Para tanto, o texto articula-se em três eixos. No primeiro eixo é registrado o caráter reducionista das interpretações que limitam o conflito a uma conotação negativa, destacando-o como uma possibilidade que oportuniza a emergência de um rico processo de trocas simbólicas, possuindo em si uma dinâmica de pró-evolução e desenvolvimento. O segundo eixo discute as soluções para conflitos a partir do olhar da racionalidade, sempre desejável, mas limitada, ou seja, pelo *lógos*, como a denominamos. Finalmente, no terceiro eixo, discute-se a solução pelo universo emocional, pelo *páthos*. Entre as propostas concretas discutidas, foca-se a atenção na metodologia da Vivência Emocional como uma possibilidade de obter resultados válidos.

Palavras-chave: Conflito; Educação Emocional; Vivência Emocional.

Abstract

This article aims to examine the notion of conflict as an intrinsic element of human relations, based on bibliographic research. To this effect, the text is articulated in three axes. In the first axis, the reductionist character of the interpretations that limit conflict to a negative connotation is registered, highlighting it as a possibility that provides an opportunity for the emergence of a rich process of symbolic exchange, possessing in itself a dynamic of pro-evolution and development. The second axis discusses the solutions to conflicts from the viewpoint of rationality, always desirable, but limited, that is, by *lógos*, as we call it. Finally, the third axis discusses the solution through the emotional universe, through *páthos*. Among the concrete proposals discussed, attention is focused on the Emotional Experience methodology as a possibility of obtaining valid results.

Keywords: Conflict; Emotional Education; Emotional Experiencing.

Introdução

A questão do conflito tem sido objeto de reflexão em diferentes campos, que vão desde a Sociologia, Psicologia, Educação, Administração, Direito às Relações Internacionais. Apesar de ser extensamente estudado em diferentes áreas de conhecimento, configurando-se como um importante objeto de estudo que, de forma horizontal está presente em diferentes disciplinas a partir de enfoques diferenciados, podemos registrar uma tendência de assemelhar as noções de conflito e violência, chegando muitas vezes a considerar tais palavras como sinônimas (BRIQUET, 2016); (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; DEL REY, 2016); (ORTS, 2009); (NEVES; FERREIRA, 2011).

Também é comum considerar, apressadamente, que toda expressão de violência é necessariamente uma manifestação de um conflito e que a ausência de violência significa ausência de conflito e existência de paz. Sem dúvida, tais afirmações carecem de aprofundamento - violência e conflito são fenômenos distintos e a existência da paz possui contornos mais amplos e complexos (VALLEJO; GESTOSO, 2015); (ARÁNDIGA, 2007).

Consideramos que a noção de conflito, pela sua própria relevância social, traz a necessidade de novos aprofundamentos e esclarecimentos, a fim de subsidiar novas investigações. Este artigo apresenta, a partir de pesquisa bibliográfica, uma contribuição para esse debate e tem como objetivo examinar o conflito a partir da sua condição de elemento intrínseco das relações humanas, sem o qual não seria possível a construção e vivência da paz.

Conceituando conflito: para além da polaridade negativo e positivo

A palavra conflito é comumente utilizada como discórdia, luta, embate ou desavença, podendo ser facilmente associada a desentendimentos, rivalidade e tensões. De fato, a origem da palavra é latina *conflictus* que indica choque, embate, luta, trazendo na raiz a oposição entre partes que não concordam em algo e que, por isso, divergem (NEVES; FERREIRA, 2011); (ARÁNDIGA, 2007).

Decorre desta compreensão diferentes noções, inclusive a ideia de que o conflito possuiria uma conotação negativa, podendo ser destruidor, portador de malefícios - daí a necessidade de ser evitado. Nesta concepção, ele poderia ser associado ao caráter competitivo da relação, envolvendo interesses diferenciados ou antagônicos de conteúdo, de procedimentos, envolvendo elementos psicológicos, posto que se trata também da percepção dos sujeitos envolvidos (VALLEJO; GESTOSO, 2015); (ARÁNDIGA, 2007).

Uma síntese sobre a definição remete para a ideia de conflito como uma situação de interação entre pessoas que, em um dado momento, possuem interesses, ideias, valores ou necessidades incompatíveis (NAVARRO, 2013, p.97). Nesta mesma direção, o conflito pode ser definido como “uma situação em que os sujeitos ou perseguem objetivos diferentes, têm valores contraditórios, têm interesses opostos ou diferentes, ou perseguem simultaneamente e de forma competitiva o mesmo objetivo” (VALLEJO; GESTOSO, 2015, p.36-37).

A noção de conflito associado ao negativo também encontra lugar na literatura da educação, especificamente quando se tem como referência o papel do professor como “gestor de conflitos” (ORTS, 2009) ou “mediador de conflitos” frente às seguintes situações: condutas de trato inadequado (falta de respeito às normas e formas de relação social, ausência de habilidade para tratar com respeito os demais); condutas disruptivas (atitudes que ocasionam moléstias aos demais como interrupções na fala, não cumprimento dos acordos de convivência, levantar-se sem permissão), condutas antissociais entre alunos (insultos, falta de respeito, condutas intimidatórias, bullying, vandalismo, violência física, fraude/corrupção, absenteísmo, assédio); comportamentos docentes inapropriados e/ou agressivos (maltrato físico ou psicológico de professores a alunos, estigmatização, injustiças, violência simbólica); comportamentos desqualificadores e/ou agressivos conflituosos entre adultos (famílias-docentes, professores entre si, famílias entre si).

Assim, relaciona-se conflito com a presença de incompatibilidade, o que ocasiona um clima de negatividade nas instituições educacionais, tendo como núcleo principal a falta de reconhecimento, aceitação e atenção dos demais, que formam um circuito destrutivo alimentado por críticas, queixas, rumores e tensão, impedindo a convivência pacífica (ORTS, 2009); (ARÁNDIGA, 2007).

Considera-se que o docente não pode permanecer impassível diante dos problemas relacionais e que deve conhecer e utilizar de forma adequada estratégias para lidar de forma eficiente com os conflitos interpessoais. As estratégias são muitas e, a título de exemplificação, são destacados Orts (2009, p.276-277) estratégias de percepção dos conflitos como desafios profissionais, categorização dos problemas, negociação, assertividade, identificação de uma mediação ou apoio externo, evitação de tratamentos inapropriados; enquanto Lara, Fernández e Gil (2011) propõem a existência de um tutor de convivência e da

Conflito: o desafio de viver em paz

elaboração do protocolo de atuação para o tratamento do conflito; e Lapponi e Opezzo (2011) registram recursos eficazes para tratar os conflitos priorizando elementos comunicacionais como a escuta ativa, elogio, autoafirmações, acordos, ressignificação do ocorrido, negociação, dentre outros. As estratégias são várias: “face aos conflitos: evitá-los; se não for possível, resolvê-los; se possível, atenuá-los; se não for possível, dissolvê-los” (ORTS, 2009, p.276).

A abordagem do conflito como algo negativo, apesar de ser amplamente conhecida, possui consequências desastrosas, tanto no nível individual quanto organizacional:

[...] a prática de procurar homogeneização de pontos de vista mediante a criação de falsos consensos e de supressão das minorias dissidentes, reduz muitas vezes a criatividade, a inovação e a independência necessárias à competitividade organizacional. Em termos gerais, uma política de evitamento do conflito, pode traduzir-se a médio/longo prazo numa escalada do conflito” (NEVES; FERREIRA, 2011, p.582-583).

Nesses termos, evitar o conflito o potencializa, remetendo para o futuro uma questão que poderia ser experimentada de forma mais branda. Sendo assim, ao se detectar um conflito e identificar seu fator de origem, cabe tratá-lo e não negá-lo. O adiamento não resulta na resolução do problema e sim no seu aumento exponencial. A negação e o isolamento do problema podem induzir ao estado máximo de destruição individual ou institucional (NEVES; FERREIRA, 2011).

Compreender a noção de conflito, em toda a sua complexidade, remete para além do reducionismo operado pela perspectiva tradicional, superando a dicotomia positivo-negativo, bom-mau. Sendo elemento intrínseco às relações humanas, o conflito não é algo negativo ou mesmo positivo em si mesmo - a conotação valorativa está na dependência de como o sentimos, percebemos e atuamos sobre ele (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; DEL REY, 2016).

Atualmente, o conflito é tido “não só como um dado de facto, mas também como algo que é necessário encorajar em termos de surgimento, no pressuposto de que o conflito é algo de benéfico para estimular a inovação e criatividade dos comportamentos, das atitudes e das cognições” (NEVES; FERREIRA, 2011, p.583). O conflito, portanto, é uma importante qualidade das relações humanas.

Próprio das relações humanas, o conflito é um fenômeno social universal. Nas palavras de Navarro,

[...] De um ponto de vista funcional, é claro que os conflitos predominam em todas as áreas da atividade humana e afetam substancialmente todas as relações de gênero, ecologia, cultura, economia, política e sociedade. O conflito é, sem dúvida, um fenômeno inescapável e universal. As suas manifestações concretas assumem uma vasta gama de modalidades. Por vezes, como os economistas sublinham, desdobra-se como uma luta pela conquista de uma parte na posse e controle dos recursos escassos. Por vezes, como outros pensadores têm observado, as incompatibilidades que causam conflitos derivam de objetivos mutuamente exclusivos entre as partes em disputa. Por vezes, o conflito aparece como um conflito de vontades entre os sujeitos em conflito ou como uma luta competitiva para alcançar resultados desejados para as partes (NAVARRO, 2013, p.97).

Na base do conflito reside uma forma de oposição ou incompatibilidade de uma parte em relação à outra. De acordo com Neves e Ferreira (2011, p.582), a noção de conflito remete para “o processo de tomar consciência da divergência existente entre as partes, traduzida em algum grau de oposição ou incompatibilidade entre os objetivos das partes, ou da ameaça dos interesses de uma das partes”. Essa tomada de consciência é o primeiro passo de um processo evolutivo – é justamente este aspecto que permite a compreensão de que o conflito oportuniza a emergência de um processo de trocas simbólicas, possui em si um processo de diferenciação, uma dinâmica em prol da evolução, isto é, traz no seu próprio interior um núcleo organizativo pacificador, em prol da vida.

Muitos resultados podem surgir após uma situação de conflito. Seus efeitos podem ter consequências importantes para os indivíduos envolvidos, como também para as instituições a que eles pertencem. Ainda que tenhamos como parâmetro a isenção de tendências valorativas ou morais do conflito em si, é possível identificar importantes características destrutivas do conflito segundo Briquet (2016, p.51):

- a) o conflito pode se expressar através de sentimentos de ansiedade e hostilidade, inibindo esforços de conciliação;
- b) quando o conflito aparece, ele canaliza atenção, esforços e energia para si mesmo, atraindo os envolvidos, como uma espécie de atrator, podendo gerar um círculo vicioso;
- c) o conflito pode levar um indivíduo a dificultar a atividade do outro, posto que a possibilidade de cooperação, nesse contexto, fica diluída.

Considerando os estudos de Ury (2000), Briquet (2016), Navarro (2013) e Alvarado (2003) podemos distinguir três níveis de conflito, quando a referência for a duração no tempo:

Conflito: o desafio de viver em paz

a) estado de latência: quando existem interesses contrapostos entre as partes, manifestos de forma tímida em pequenos gestos e que podem ter origem em hábitos, peculiaridades pessoais ou também em diferentes expectativas. Nesta fase o conflito não é necessariamente explícito e isso significa que ele está associado possivelmente a condições que ainda não estão dadas a nível consciente dos indivíduos. Outras vezes, o conflito latente pode apontar uma estratégia. Seja como for, a possibilidade de que ele se manifeste futuramente é grande. Neste momento o conflito está na sua fase inicial e não é plenamente evidente. É o momento de prevenir;

b) estado emergente: quando uma ação pontual pode desencadear um conflito, desenvolvendo a partir daí uma série de atitudes, comportamentos que intensificam o antagonismo. Isso significa que este momento pode envolver acúmulos de processos da fase anterior e que não foram devidamente sanados, resultando em crescimento e discórdia. É comum verificar neste nível argumentos repetitivos. Nesse nível o conflito pode servir como um ponto de inflexão, evidenciando a capacidade resiliente das partes envolvidas. Este é o momento de resolver;

c) escalada contínua: quando não há uma solução devido ao alto grau de intensidade alcançado. Trata-se de uma situação de crise, quando o estresse e a tensão são aumentados, podendo ocasionar problemas maiores como agressão verbal ou física. A tendência que impera nesta fase é a amoralidade na consecução de interesses, prevalecendo o egoísmo pessoal, instaurando uma duvidosa objetividade na leitura da realidade. Neste momento é urgente conter o alcance destrutivo. Neste nível se requer a intervenção de um profissional.

Nesses termos, quanto maior for o conflito, maior será a capacidade de autodestruição do sistema individual ou social. E uma vez instalado, ele se torna irreversível. Isso significa que, no caso de existir, a forma de resolver o conflito não é através da negação ou do isolamento: é preciso aceitá-lo e tratá-lo da forma adequada, sob pena de colapsar o sistema (individual ou coletivo).

É importante destacar que a escalada progressiva do conflito (estado de latência/ estado de emergência/ escalada contínua) evidencia que, se o conflito não é resolvido de forma inicial, através de ações preventivas ou através de práticas resilientes, ele alcançará uma potência cada vez mais destruidora:

[...] quando o conflito não é resolvido pacificamente, implica custos ou fatores negativos, tais como a deterioração da comunicação, o uso da força ou pelo menos uma atitude hostil de uma das partes, bem como julgamentos errados baseados em falsas percepções (...) Assim, a chave da bondade ou não de um conflito não é o

conflito em si mesmo, senão a forma como se desenvolve e se resolve (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; REY, 2016, p.53).

As razões para emergir uma situação conflitiva são muitas e, no geral, expressam fatores que, ao longo da situação, continuam se manifestando. Nesses termos, Vallejo e Gestoso (2015, p.47) destacam os seguintes fatores determinantes de conflitos:

- a) a nível individual, quase sempre a causa é que um ou mais membros se sentem de algum modo excluídos do grupo, por diferentes razões: por não conhecer ou não entender bem os objetivos, métodos e regras do grupo; por estar em desacordo com os objetivos gerais; por não entender seu verdadeiro papel nem haver sido explicado claramente suas funções e competências; por não ser capaz de fazer ver seus interesses e valores pessoais; pela falta de confiança em si mesmo ou na eficácia da equipe de trabalho[...];
- b) a nível grupal, porque não conseguiu um equilíbrio entre os distintos valores e necessidades dos participantes, e por esta razão sentem que o grupo não irá respeitá-los;
- c) a nível organizacional, porque considera que a estrutura, as normas e a distribuição de responsabilidades não respeitam os interesses individuais e produzem frustração aos envolvidos.

O conflito envolve diferentes interesses entre duas ou mais partes, sendo um fenômeno próprio das relações humanas. Ele envolve percepções e emoções diferenciadas sobre determinados acontecimentos e situações, que geram comportamentos antagônicos (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; DEL REY, 2016). A princípio, não se trata necessariamente de uma competição e sim de posicionamentos e interesses diferenciados que, em caso de potencialização, podem gerar uma disputa (VALLEJO; GESTOSO, 2015); (ARÁNDIGA, 2007), (NEVES; FERREIRA, 2011).

O conflito resguarda uma identidade que inclui antagônicos sem necessariamente existir disputas de dominância. Distinto do fenômeno da violência, a violência, nas palavras de Navarro (2014, p.99):

[...] é agora definida não só como o exercício explícito e direto da força para obter algum objetivo, contra a vontade de alguém. A nova definição de violência inclui também a aplicação indireta, não facilmente perceptível e talvez não necessariamente consciente ou imediatamente voluntária, da força estrutural que resulta na exploração, imposição e dominação.

Apesar de o conflito envolver posturas diferenciadas ou antagônicas em disputa, ele não possui necessariamente o elemento da violência. Esta última se caracteriza como último nível do conflito por seu caráter destrutivo, sendo indesejável individualmente e inaceitável socialmente (NEVES; FERREIRA, 2011).

A solução pelo *lógos*

O termo grego *lógos* pode ser traduzido, em sentido amplo, como razão, racionalidade, reflexão, diálogo (BAILLY, 2000, p. 1200-1201). Analisaremos, neste item, de que maneira a racionalidade pode contribuir para entender e dirimir conflitos, qual o alcance e limitação deste recurso humano diante do tema, assim começamos por reconhecer o conflito como elemento próprio das relações humanas, e isto impõe a reflexão sobre a sua condição de organismo vivo e seus mecanismos específicos de manter a vida.

O indivíduo é um organismo vivo que necessita de trocas com o entorno para se conservar. As trocas que ele realiza (bebendo, comendo, respirando, assimilando) não são exclusivamente materiais, pois envolvem processos simbólicos e emocionais. A inexistência de trocas significa sua morte. Ao realizar trocas o indivíduo deverá lidar com um conjunto diverso de situações – inclusive conflitivas - e tenderá a buscar aquelas que não o ameaçam do ponto de vista físico ou psíquico (SCHRÖDINGER, 1997).

Nesses termos, o conflito é compreendido como elemento fundamental da existência humana, aflorando mediante interações relacionais. Tais interações estão na base da aprendizagem, o que permite afirmar que o próprio desenvolvimento do indivíduo depende de como se percebe a situação conflitiva - como obstáculo impeditivo, desafio ou oportunidade de aprendizagem (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; DEL REY, 2016).

Enquanto elemento próprio das relações humanas, podemos afirmar que o conflito é um elemento que permeia as interações sociais em seus diferentes níveis, do micro ao macrossocial, permeando famílias, escolas, empresas, universidades, igrejas. Estar em interação é produzir tensões e desequilíbrios, pois a natureza de toda relação é estar em movimento:

[...] nos movemos na vida através da satisfação de objetivos e às vezes nos deparamos com os objetivos de outras pessoas. Quando fazemos menção ao conflito, nos referimos à confrontação entre pessoas ou grupos humanos com objetivos incompatíveis. Normalmente associamos o conflito ao momento em que existem tensões na relação, mas habitualmente antes que essas tensões se manifestem pode, de forma latente, estar presente o conflito (VALLEJO; GESTOSO, 2015, p.33).

Como o conflito é inevitável, o organismo vivo recorrerá a um mecanismo que possui para manter sua harmonia, sua ordem interna: buscar a “ordem a partir da desordem” (SCHRÖDINGER, 1997, p. 91). Nesses termos, o indivíduo, diante de um conflito, irá buscar naturalmente a melhor forma de se proteger, de manter a sua harmonia interna.

Considerando que estamos tratando da questão do conflito como elemento próprio das relações humanas, podemos afirmar que, em caso limítrofe de conflito, as partes envolvidas terão uma tendência de autodestruição da relação instituída (NEVES; FERREIRA, 2011); porém, as estruturas dissipativas (que são elementos positivos e ordenadores que estão presentes no conflito) criarão possibilidades criativas e inovadoras para a questão, colocando a relação em outro nível. Neste sentido, a possibilidade da existência de resolução pacífica do conflito permeia todo o processo.

Se a referência for o contexto institucional, podemos afirmar que o conflito pode ser compreendido como uma possibilidade de mudança organizacional. Nas palavras de Vega, Córdoba-Alcaide e Rey (2016, p.53), o conflito gera uma interdependência entre as partes e manifesta o eixo natural da vida “pela oportunidade de aprendizagem, desenvolvimento e crescimento pessoal e social para ambos, se for resolvido pacificamente”. Assim, ao gerar uma instabilidade e criar uma oportunidade de reorganização de posições, o conflito expressa sua capacidade de criar novos padrões de interações e de atitudes entre as pessoas que estão envolvidas.

A constante associação da ideia de conflito exclusivamente a situações negativas é reducionista. De fato, o conflito remete para dinâmicas, posições ou elementos que estão presentes em situações relacionais. Neste sentido, o conflito não é em si mesmo bom ou mau, funcional ou disfuncional; ele é próprio das configurações sociais, faz parte da natureza da sociedade. Não há como eliminar o conflito da vida social. É possível reduzi-lo ou diminuir sua potência, entretanto, ele também é sinal de vitalidade pois indica não apenas confronto e competitividade – ele também indica solução de problemas (VALLEJO; GESTOSO, 2015).

Neste sentido, e para além da polaridade negativo-positivo, o conflito sinaliza para uma oportunidade, um:

[...] motor de mudança e inovação pessoal e social pela multiplicidade de potencialidades que tem em si. Entre elas destaca que estimula o interesse e a curiosidade; contribui para construir a própria identidade pessoal e grupal; permite melhorar a qualidade da tomada de decisões e da solução de problemas; facilita a comunicação aberta e sincera dos participantes; e fomenta o reconhecimento de legitimidade do outro. (VEGA, CÓRDOBA-ALCAIDE; DEL REY, 2016, p.53).

Pode-se afirmar que o conflito, compreendido como uma oportunidade, tende a contribuir para o desenvolvimento social, compreendido como desenvolvimento humano:

Conflito: o desafio de viver em paz

[...] O conflito transformado por meio de atividades não-violentas, não somente se converte em um motor de mudança social, mas também de desenvolvimento humano, entendido em um amplíssimo sentido de que está repleto de múltiplas consequência para o conhecimento e a ação social.

A noção de desenvolvimento social que propugnam os estudos sobre a paz é a de um desenvolvimento humano integral. Desenvolvimento humano quer dizer de todas as pessoas e comunidades englobadas em todos seus âmbitos de gênero, cultura, geografia e ecologia, através da vasta variedade de suas funções vitais. Desenvolvimento social humano quer dizer da universalidade comum de todas as entidades diversas: os gêneros, as classes, as etnias, as nacionalidades e toda a imensa gama de grupos de interesse. Desenvolvimento social humano que aglutine as extensas e intensas redes de interdependência que conectam a humanidade com seu entorno bioesférico da natureza, o cosmos, em seu único eco-sistema mundial compartilhado. (NAVARRO, 2014, p.104).

Há que desacreditar a violência e reabilitar o conflito, ensina o filósofo Jean-Marie Muller (s/d). Reabilitar o conflito remete para a necessidade de reconhecer que a existência é uma luta pela vida e, por isso mesmo, se realiza mediante trocas simbólicas que envolvem práticas afirmativas organizadas contra o que violenta e desrespeita nossa existência. Neste sentido, reabilitar o conflito é uma questão de luta social pela justiça. (MULLER, s/d).

É importante destacar que a noção de luta aqui considerada não está atrelada ao ódio tampouco à violência; ela está relacionada com força. Considerando que a injustiça é um desequilíbrio de forças, Muller (s/d) afirma:

[...] A justiça é um equilíbrio de forças. A luta tem precisamente a função de reequilibrá-los, de criar um novo equilíbrio de poder com o objetivo de criar as condições para o diálogo entre os adversários. A fim de resolver um conflito, geralmente não é suficiente chamar para o diálogo. A não-violência às vezes é caricaturada, reduzindo-a à busca do diálogo. Naturalmente, é uma questão de esgotar as possibilidades de diálogo, e qualquer luta bem conduzida deve terminar em diálogo. Mas o diálogo só é possível através de um equilíbrio de poder e igualdade de poderes.

Na tessitura das relações sociais está em jogo um conjunto de forças distintas, contraditórias ou ambivalentes que podem ocasionar conflito. Tais forças possuem como qualidade intrínseca o *volo*, isto é, uma inclinação, uma vontade, um querer. Sendo assim, cada força está inclinada em uma direção e que, dependendo da configuração, pode resultar em conflito. O conflito é resultante, pois, da ação recíproca que só pode ser compreendida no interior de cada configuração, posto que os indivíduos não estão isolados; eles estão em permanente interação com outros indivíduos (ELIAS, 2001). O mecanismo de vinculação entre os indivíduos é denominado por Norbert Elias de “valências”: um potencial para relacionar-se, uma inclinação para se vincular (ELIAS, 1970).

Este potencial para se vincular é construído ao longo da trajetória existencial do indivíduo. Assim, ao viver, o indivíduo identificará, de forma consciente ou não, um conjunto de simpatias e antipatias, elementos que causam atração ou rejeição, sensações de dor ou prazer, enfim, constituirá uma série de preferências, sentimentos, experiências e valores que determinará suas escolhas e comportamentos. Este potencial é, portanto, resultado da sua trajetória histórica particular, que é feita na singularidade da sua existência. Cada vínculo, cada inclinação é produto desse complexo processo.

O entendimento de que viver inclui, necessariamente, criar, experimentar e se envolver em conflitos, é importante para esclarecer a noção de paz. De forma comum, a paz tem sido associada à ausência de conflito. Este entendimento aparece associado a uma visão fragmentária, expressa nas seguintes tendências interpretativas:

- a) a que propõe a paz como um fenômeno exterior, afirmando-a como um fenômeno de natureza cultural, jurídica, social, política ou socioeconômica. Neste sentido a paz poderia ser resultado da dissolução de conflitos destrutivos;
- b) a que compreende a paz como um estado de fraternidade entre indivíduos e nações, acentuando-se o papel da educação e da mídia, a fim de influenciar mudanças na compreensão e nas atitudes coletivas;
- c) a que trata a paz como um estado interior, como um estado de espírito, remetendo para uma ecologia pessoal ou interior;
- d) a que propõe a paz como ausência de conflitos intrapsíquicos. Neste caso, busca-se a necessidade de restabelecer a paz interior e a harmonia entre o ego e o superego, na visão psicanalítica;
- e) a que afirma a paz como um estado de harmonia interior que indica uma atitude de desapego de seres, conceitos e objetos na busca do amor altruísta (WEIL, 2005).

Em síntese, a solução pelo *lógos*, ou seja, a partir de diálogo, escuta atenta das partes envolvidas, discussão, exposição de motivos, ponderação, justificativa, isenção de julgamento preconcebido, reconhecimento de interesses diversos (sociais, financeiros, pessoais, grupais, etc.), importância de consenso, entendimento da condição humana, observação de que conflito não gera necessariamente violência, escuta dos mais experientes, o aprendizado histórico, a paz como uma solução ideal, etc., é sempre bem-vinda, desejável

Conflito: o desafio de viver em paz
e deverá sempre ser buscada. Os limites desta solução são os próprios limites do *lógos*, em outros termos, aquilo que pode ser alcançado pelo poder da palavra.

A solução pelo *páthos*

O conflito é um elemento intrínseco à vida humana e que reabilitação, tal como propõe Jean-Marie Muller (s/d), requer trocas simbólicas, discursivas e dialógicas que permitem às partes a reorganização de pensamentos e atitudes visando o respeito à vida. Nesses termos, considerando que o conflito integra uma ordem de fenômenos existenciais, ele necessariamente traz em si uma natureza emocional (MULLER, s/d). O conflito envolve a dimensão emocional, que pode atuar de forma positiva na organização do pensamento, aumentando a busca por soluções construtivas ou “pode influenciar negativamente o pensar do conflito, reduzindo a confiança e o esforço das partes na procura de uma solução construtiva para o problema”(NEVES; FERREIRA, 2011, p.586). Neste item, apresentaremos nossa proposta para o enfrentamento do conflito destacando a noção de *páthos*.

Revisaremos inicialmente o conceito de *páthos* (GONSALVES; POSSEBON, 2019, p. 6):

Na *Retórica*, Aristóteles (1378 a) propõe uma definição para paixão, ainda que breve: “as paixões são coisas que, por meio delas, [os homens] mudando de direção sustentam as decisões; a elas seguem dor e prazer; como ira, piedade, medo e outras tais, e as suas contrárias”. Paixão é como temos traduzido até aqui o termo grego *páthos*. Vejamos algumas reflexões sobre o significado do vocábulo. Segundo Pierre Chantraine, sobre o substantivo e seu correspondente verbo: “*Páthos*: aquilo que chega a alguém ou a algo, experiência sofrida, aflição, emoção da alma, acidente no sentido filosófico do termo. *Páskho*: receber uma impressão ou uma sensação, sofrer um tratamento (bom ou mal), suportar, ser punido”.

Portanto, em Aristóteles, *páthos* é paixão, ou seja, aquilo que afeta ou mexe com alguém. Recordamos ainda o romano Cícero, intérprete do pensamento grego (GONSALVES; POSSEBON, 2019, p.6):

nas *Tusculanas*, III, 4, 7, [diz Cícero]: “Talvez também as demais perturbações do ânimo: medo, libido, ira? Estas pois quase que são as que os Gregos chamam, no modo deles, *páthe*; eu poderia chamá-las de ‘doenças’, e isto seria (tradução) palavra por palavra, mas não caberia em nosso uso, pois apiedar-se, invejar, exaltar-se, alegrar-se, todas estas os Gregos chamam de doenças, movimentos do ânimo excitado, não obedientes à razão, nós, por outro lado, a estes mesmos movimentos chamaremos corretamente de ‘perturbações’, como opino; ‘doenças’ (é termo) de não muito uso (nosso), a menos que a ti pareça de outro modo”. Assim, no entendimento de Cícero, o que melhor corresponde ao grego *páthos* é *perturbatio* (perturbação), isto é, *motus animi* (movimento do ânimo), e não *morbis* (doença).

Outro termo latino que traduz o grego *páthos* ou *páthe* é *affectus* (afeto, o que aflige, abala, comove; não simplesmente afeição, simpatia). Em síntese, nós entenderemos que *páthos* significa, em sentido amplo: emoção, humor, sentimento e afeto, ainda que modernamente estes quatro termos tenham significados diferentes, a depender da escolha conceitual do investigador, a saber:

Emoção é a resposta que o indivíduo dá mediante elementos desencadeadores (excitação ou perturbação), que provoca sensações agradáveis ou não, porém vinculada à necessidade humana de adaptação (POSSEBON, 2020, p. 22).

Humor é um estado de ânimo que reflete uma tendência ou estilo de enfrentar a vida e seus problemas (ARÁNDIGA *apud* POSSEBON, 2020, p. 29).

Sentimento é um estado afetivo mais complexo e estável que a emoção. Ele se caracteriza por um elevado conteúdo cognitivo que envolve interpretações, atribuições, inferências, razões, etc., e possuem uma grande duração (POSSEBON, 2020, p. 28).

Afeto é o conjunto das experiências que possuem um componente avaliativo, podendo ser positivos ou negativos, placentários ou displacentários, atrativos ou aversivos, agradáveis ou desagradáveis, estimulantes ou deprimentes (ARÁNDIGA *apud* POSSEBON, 2020, p. 29).

Focamos agora no entendimento destes conceitos fundamentais, com alguma exemplificação: “alegria” é uma emoção básica, quando algo ocorre exteriormente ao indivíduo (ou internamente, por exemplo, se lhe ocorre uma lembrança) e ele reage corporalmente, apresentando sinais característicos como o sorriso, o brilho no olhar, etc, e subjetivamente pela satisfação e sensação de prazer. Pode ser a visão de algo, ou uma informação que lhe chega aos ouvidos, o elemento externo desencadeador. Este movimento que realiza para fora (etimologicamente *ex motus* - a partir do movimento > emoção) dura poucos segundos e logo o indivíduo volta a sua situação anterior (POSSEBON; POSSEBON, 2022).

Por outro lado, o indivíduo pode ter um temperamento, um modo de ser no mundo, sempre alegre, digamos, de bem com a vida. Neste caso, “alegria” é um humor, um traço de seu caráter, algo que permite que o identifiquemos, que o individualizemos entre as pessoas. Por outro lado ainda, este indivíduo pode refletir sobre seu estado, entender as razões e suas escolhas, agir para manter-se assim: sentir-se alegre e feliz com o que faz. Usaríamos para melhor designar esta situação vivencial subjetiva o termo “felicidade”, ou seja, ele vivencia o sentimento de felicidade. Já o termo afeto é genérico e cobre todas as ideias acima vistas. Por *páthos* entendemos esta mesma generalização (POSSEBON; POSSEBON, 2022).

Conflito: o desafio de viver em paz

Consideramos que o *páthos* é indispensável na organização de propostas para lidar com conflitos, além das limitações próprias do *lógos*. A sua própria natureza antecede a organização do pensamento e, portanto, o processo de tomada de decisões. Cumpre agora explicar porque o *páthos* é mais forte do que o *lógos*. Afirmo Estanislaio Bachrach (2013, p. 87):

Durante muitos anos cremos ser ‘seres racionais (córtex) com sentimentos (límbico)’. Hoje, os cientistas concordam que o interruptor central do cérebro é nossa parte emocional. Somos seres emocionais que aprendemos a pensar, e não máquinas pensantes que sentimos.

E ainda mais claramente diz o autor que “a emoção tem mais domínio sobre nossa razão. Por isso, muitíssimas das decisões que tomamos na vida são não conscientes” (*idem*, p. 87). Estas afirmações dos modernos investigadores nada mais fazem do que repetir a antiga fala de Aristóteles, acima vista, que agora enfaticamente repetimos: “as paixões são coisas que, por meio delas, [os homens] mudando de direção sustentam as decisões”, ou, em termos mais simples: as emoções alteram as decisões, prevalecem sobre elas, as dominam, o *páthos* domina o *lógos*.

Não é objetivo deste estudo o detalhamento do percurso histórico que levou a espécie humana a esta condição, mas a proposta da existência atual do chamado cérebro trino dá sustentação a estas reflexões. Nesta concepção, o cérebro do ser humano é visto como formado por três camadas: a mais antiga, o cérebro reptiliano, é responsável por funções básicas e instintivas. A segunda camada, o mesencéfalo ou cérebro límbico, realiza diversas funções, “possui uma grande influência sobre a conduta, pelo qual também se conhece como cérebro emocional” (DISPENZA, 2010, p. 113), e também trabalha para “manter e controlar a temperatura do corpo, os níveis de açúcar no sangue, a pressão arterial, a digestão, os níveis hormonais” (*idem*, p. 113). É a sede biológica do *páthos*. A terceira e última camada é o neocórtex, a sede biológica do *lógos*.

Aguera (2009) apresenta, sintetizando, alguns detalhes de cada cérebro, numa divisão proposta pelo autor em cinco dimensões da mente:

Tabela 1 - As Cinco Mentes

Etapa	Parte do cérebro	Origem	Dimensão	Tempo de resposta
1	Cérebro básico ou reptiliano	Quinhentos milhões de anos	Mente instintiva	Milésimos de segundo
2	Formação do sistema límbico nos mamíferos primitivos	Trezentos milhões de anos	Mente emocional	Décimos de segundos

3	Formação do neocórtex nos primatas	Sessenta milhões de anos	Mente intuitiva	Cerca de um segundo
4	Lateralização dos hemisférios no homínídeo	Dois ou três milhões de anos	Mente analítica	Cerca de um segundo
5	Desenvolvimento dos lóbulos frontais no homem	Cento e cinquenta mil anos	Mente estratégica	Mais de um segundo

Fonte: Aguera (2009)

Não por acaso, segundo nossa compreensão, os mamíferos desenvolveram o cérebro emocional, ele deve ser muito importante para a sobrevivência da espécie. No dizer de António Damásio (2015, p. 73) “a finalidade das emoções é ajudar o organismo a manter a vida”. Mas a questão que se coloca é a seguinte: se emoção é uma resposta do organismo frente a um estímulo, como que ela poderia ser controlada, para uso sistemático em situações de conflito? Já sabemos, também, com Damásio (2015, p. 69) que “não precisamos de estar conscientes do indutor de uma emoção, frequentemente não estamos, e não podemos controlar as emoções à nossa vontade” e completa o autor:

também só em parte conseguimos controlar a expressão de algumas emoções - suprimir a ira, disfarçar a tristeza -, mas a grande maioria das pessoas não o consegue realizar na perfeição, sendo essa uma das razões porque pagamos tanto para ver atuar os bons atores, especialistas em controlar a expressão das suas emoções (DAMÁSIO, 2015, p. 69-70).

A resposta, então, à questão acima é “a emoção não pode ser controlada!”. Não podemos de fato controlar as emoções, todavia “podemos educar as nossas emoções, mas não suprimi-las completamente, e os sentimentos interiores que vamos tendo são as melhores testemunhas do nosso insucesso” (DAMÁSIO, 2015, p. 71).

A palavra-chave desta discussão é “educação”, ou, melhor dizendo neste contexto, “educação emocional” (POSSEBON; POSSEBON, 2022, p.10):

um processo de formação humana vivencial orientada para que o indivíduo possa alcançar, mediante aprendizagens vitais (que favorecem a aquisição de competências que estruturam a vida interior do sujeito), o desenvolvimento de um conjunto de capacidades afetivas, como escutar, elogiar, qualificar, cuidar.

Há três abordagens na Educação Emocional: Inteligência Emocional (IE), Competência Emocional (CE) e Vivência Emocional (VE). Reproduzimos sinteticamente as ideias fundamentais destas abordagens, de acordo com Possebon & Possebon (2020, p. 175). Na IE,

Conflito: o desafio de viver em paz

observamos, sobretudo: inteligência e emoção se distinguem; atitude ou habilidade para raciocinar com a emoção; destreza para gerenciar sentimentos; disposição cognitivo-comportamental. Na CE, destacamos: capacidade ou habilidade para promover um resultado positivo; conhecimento das próprias emoções e dos demais, para o desenvolvimento integral da pessoa; respostas eficazes a partir do conhecimento. Na VE, observamos, sobretudo: a emoção como experiência de um estado da vida; a vivência como possibilidade de aprendizagem, por ser uma expressão original, anterior ao racional; práticas corporais integrativas.

Na prática, a Vivência Emocional, tal como proposta por Possebon & Possebon (2020) organiza-se em sessões para trabalho individual, em par ou em grupos não muito numerosos. Uma sessão estende-se por um período aproximado de 50 a 60 minutos, tempo este testado e validado pela experiência prática em sala de aula, no ambiente escolar do Ensino Fundamental. Um facilitador, devidamente qualificado, denominado Educador Emocional, conduz a sessão que, após uma introdução, o qual esclarece os objetivos do encontro, passa a desenvolver um conjunto de exercícios, normalmente sete. A experiência relatada mostrou que um semestre da prática semanal da Vivência Emocional produz um efeito importante na regulação emocional, não evidentemente no controle emocional, que defendemos não ser possível realizar. Os exercícios utilizados na Vivência Emocional dialogam com inúmeras das chamadas Práticas Integrativas e Complementares da Saúde (PICs).

Retornemos à questão do conflito. Uma vez instalado o conflito, tem-se uma oposição ou incompatibilidade sobre um determinado ponto. Considerando sua natureza complexa e sua condição de elemento próprio das relações humanas, é necessário reconhecer sua existência e conotação valorativa a partir das emoções, percepções e atitudes que estão presentes na situação.

Entretanto, cabe colocar luz à possibilidade de progressão dos níveis de conflito, que parte do estado de latência para alcançar o estado emergente, podendo chegar à escalada contínua - este último nível já caracterizado por uma situação de crise e de alta tensão. Como já foi destacado neste texto, um conflito em um grau elevado possui a capacidade de destruição do sistema individual ou social. E instalado, é preciso tratá-lo de forma adequada para que o sistema não entre em colapso.

Consideramos que tratar o conflito de forma adequada inclui o desenvolvimento de ações que integrem três elementos: emoção, percepção e comportamento. Sendo assim, o

lógicos não abarca todos os elementos operativos, o que indica um limite diante da complexidade da questão. A escalada progressiva do conflito (estado de latência/ estado de emergência/ escalada contínua) evidencia a necessidade de resolutivas na fase inicial através de prática preventivas e/ou resilientes, antes que o conflito alcance um potencial destruidor. É neste ponto específico que propomos a aprendizagem da integração existencial como resposta possível para lidar com as primeiras fases do conflito.

A escalada progressiva do conflito é constituída por aspectos emocionais que envolvem a emoção da raiva. Por ser uma emoção primária, natural e relacionada com a autodefesa diante de um obstáculo, em suas manifestações benéficas e reguladas a raiva se expressa através de duas formas de acordo com Mira y López (2012): a firmeza (forma mais leve, facilitadora da ação, pois prepara o corpo para a realização de um objetivo imediato); e o protesto interior a rebelião pessoal (reação aos primeiros obstáculos que se encontram no caminho da ação). Essas duas formas de manifestações estariam relacionadas com o estado de latência e de emergência do conflito.

Ainda no nível de emergência do conflito, tem-se a rebelião pessoal, considerada o primeiro passo para a conduta ofensiva. Aqui o indivíduo se sente ofendido ou impedido de algo e ainda não tem consciência de que está agindo de forma ofensiva. Esta manifestação da raiva é considerada aqui como o limite de uma manifestação aceitável do conflito. Somente após este momento pode ser instaurado um alto nível de conflito.

A escalada contínua, considerada o nível elevado de conflito, inclui manifestações da raiva que vão desde a ira desenfreada (quando existe uma reação violenta diante do estímulo que aborrece) até a fúria (que inclui a perda de controle e por vezes, a perda da consciência).

Compreender a progressividade do conflito considerando aspectos emocionais permite identificar claramente a relação direta entre o aumento do nível de conflito e a elevação da carga emocional da raiva. Se o nível da escalada contínua não se resolve exclusivamente por ações educativas e/ou terapêuticas, necessitando da intervenção especializada de outro tipo, a depender da natureza do problema, os níveis de latência e de emergência permitem este tipo de ação. Mais do que isso, o entendimento de que o conflito faz parte das relações humanas impõe a necessidade de uma formação contínua e ao longo da vida em Educação Emocional.

Conflito: o desafio de viver em paz

É justamente neste contexto de formação ao longo da vida, de aprendizagem e desenvolvimento de capacidades para lidar melhor com as emoções que as propostas de Vivência Emocional e PICs surgem relevantes. Elas podem ser empregadas para o bem-estar destes indivíduos, regulando-os emocionalmente. Melhor regulados, eles poderiam então usar seu *lógos* para a solução do problema. Nesses termos, não se trata de substituir o *páthos* pelo *lógos*, mas de reconhecer a indissociabilidade entre os fenômenos e buscar uma potencialização, a fim de permitir uma resposta apropriada e emocionalmente saudável.

Assim, a compreensão de que a vida inclui o ato de criar, experimentar e se envolver em situações de conflito impõe a necessidade de organização e desenvolvimento de práticas reguladoras do ponto de vista emocional para que os indivíduos possam vivenciar tensões criativas que permitam seu desenvolvimento pessoal e proporcionem bem estar. Neste sentido, considera-se necessário que se pratique a Vivência Emocional e as PIC's, já que elas permitem aprendizagens vitais e inibidoras de situações de conflito em um nível elevado.

Considerações Finais

Os conflitos são processos concretos que fazem parte das relações humanas. Eles emergem quando dois ou mais envolvidos se colocam em desacordo ou em uma posição de divergência, pois consideram em um dado momento que a questão é incompatível.

Em toda situação de conflito estão envolvidos valores e perspectivas que foram construídas existencialmente por cada indivíduo, ao longo da sua trajetória de vida. E, em se tratando de uma perspectiva mais ampla, podemos afirmar que o conflito é uma possibilidade para a criação de novos consensos, uma oportunidade de aprendizado.

Em nosso texto, conceituamos conflito observando estes amplos olhares, sobretudo como uma condição humana, historicamente constituída e que permeia a vida em sociedade. Em seguida, atentamos para a racionalidade, uma das marcas do homem enquanto espécie distinta nos reinos da natureza. Somos homens porque pensamos racionalmente, deste modo buscar soluções racionais para conflitos parece o caminho que diríamos natural. Investigamos então estas condições e suas possibilidades, quais sejam, recapitulando: o diálogo, a escuta, a discussão ponderada com exposição de motivos e justificativas, na melhor das hipóteses, com isenção de julgamento preconcebido, mas sem esquecer que há interesses diversos. Enfim, todo esforço vale a pena em nome da paz. Estes são os caminhos do *lógos*.

Há, por outro lado, um limite nesta solução que é próprio do *lógos*, ou, como dissemos, um alcance do poder da palavra. Além do *lógos* situa-se o *páthos*, entendido por nós como a expressão das emoções, dos sentimentos e dos humores. Ora, se o *páthos* é mais potente do que o *lógos*, há que se pensar na possibilidade de resolver conflitos por meio dele. Assim pensando, conceituamos o *páthos* e apresentamos nossa abordagem em termos educacionais: a Vivência Emocional. Esta, por sua vez, dialoga com as Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICs), daí defendemos nossa proposta: a solução do conflito pode precisar de um recurso em que as partes conflitantes dialoguem e utilizem o *lógos*, mas não se restringe a ele; é fundamental dar visibilidade e potência ao *páthos* e incorporar vivências emocionalmente regulatórias ao longo da vida para a promoção de uma cultura de paz.

Referências

AGUERA, L. **Além da Inteligência Emocional**. As cinco dimensões da mente. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ALVARADO, María Elina Fuquen. Los Conflictos y las Formas Alternativas de Resolución. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.1: 265-278, enero-diciembre de 2003.

ARÁNDIGA, Antonio Vallés. **Inteligencia Emocional para la Convivencia Escolar**. El Programa PIECE. Madrid: Editorial EOS, 2007.

BACHRACH, Estanislao. **Ágilmente**. Aprende cómo funciona tu cerebro para potenciar tu creatividad y vivir mejor. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec Français**. Paris: Hachette, 2000.

BRIQUET, xxx **Manual de Mediação**: teoria e prática na formação do mediador. Petrópolis, Vozes, 2016.

DISPENZA, Joe. **Desarrolle su Cerebro**. La ciencia para cambiar la mente. Buenos Aires: Kier, 2010.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.

GONSALVES, Elisa Pereira; POSSEBON, Fabricio. A emoção do medo: olhares clássicos para compreender desafios no presente. **Revista Cocar**. Programa de Pós-Graduação em

Educação. Universidade do Estado do Pará, Belém. v. 13 n. 26. Maio a Agosto 2019, p. 261-278.

LARA, Pino Mazorra Manrique de; FERNÁNDEZ, Jesús María Simón; GIL, Lourdes Arvelo. El tutor de convivência em um plan global y comunitário de gestión del clima escolar. In FUNES, Silvina (Coord.). **Gestión eficaz de la convivencia en los centros educativos**. Madri, Wolters Kluwer España, 2011 pp. 263-316.

LAPPONI, Silvina Funes e OPEZZO, Damián Saint-Mezard. Guía de recursos eficaces para abordar situaciones conflictivas. In FUNES, Silvina (Coord.). **Gestión eficaz de la convivencia em los centros educativos**. Madri, Wolters Kluwer España, 2011 pp. 75-92.

MONTES, Carlos; RODRIGUEZ, Dámaso; SERRANO, Gonzalo. **Estrategias de manejo de conflicto en clave emocional**. *Anal. Psicol.*, Murcia, v. 30, n. 1, p. 238-246, enero 2014. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0212-97282014000100025&lng=es&nrm=iso. Acesso em 10/12/2021.

MULLER, Jean-Marie. **La no Violencia como Filosofía y como Estrategia**. s/d. Disponível em <http://www.non-violence-mp.org/muller/HTML/filosofia.htm>. Acesso em 28.12.2021.

NAVARRO, Karlos. Misión Jurídica - **Revista de Derecho y Ciencias Sociales**. Bogotá, D.C. Núm. 6, Año 2013 enero-diciembre, pp. 95-107.

NEVES, José e FERREIRA, J.M.Carvalho.. Poder, conflito e negociação. In NEVES, José, FERREIRA, J.M Carvalho e CAETANO, António. **Manual de Psicossociologia das Organizações**. Lisboa, Escolar Editora, 2011 p. 571-602.

NEVES, José, FERREIRA, J.M Carvalho e CAETANO, António. **Manual de Psicossociologia das Organizações**. Lisboa, Escolar Editora, 2011.

ORTS, Joan Vaello. **El Profesor Emocionalmente Competente**. Barcelona, Editorial Graó, 2009.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa. Libellus Editorial, 2020.

POSSEBON, Elisa Pereira Gonsalves & POSSEBON, Fabricio. Descobrir o Afeto: Uma Proposta de Educação Emocional na Escola. **Revista Contexto & Educação**, 35 (110), 163–186. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, 2020. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2020.110.163-186>.

POSSEBON, Elisa Gonsalves & POSSEBON, Fabricio. **Educação Emocional: emoções básicas**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2022.

POSSEBON, Elisa Gonsalves & POSSEBON, Fabricio. A Emoção do Medo: olhares clássicos para compreender desafios do presente. **Revista Cocar**, 13 (26), 261-278. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará, 2019.

MIRA Y LOPEZ, E. **Quatro gigantes da alma – o medo, a ira, o amor, o dever**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

VALLEJO, Raúl de Diego e GESTOSO, Carlos Guillén. **Mediación: proceso, tácticas y técnicas**. Madrid: Pirámide, 2015.

URY, Willian. **Alcanzar la Paz: resolución de conflictos y mediación en la familia, el trabajo y el mundo**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2005.

SCHRÖDINGER, Erwin. **O Que é a Vida? O Aspecto Físico da Célula Viva**. São Paulo: UNESP/Cambridge, 1997.

VEGA, Esther; CÓRDOBA-ALCAIDE; Francisco e DEL REY, Rosario. Conflictos en el centro escolar: estrategias de resolución pacífica. In: CÓRDOBA-ALCAIDE, Francisco, ORTEGA-RUIZ, Rosario, NAIL-KRÖYER, ÓSCAR. **Gestión de la convivencia y afrontamiento de la conflictividad escolar y el bullying**. Santiago: RIL editores, 2016.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz: manual de educação para uma cultura de paz**. Porto: ASA Editores, 2005.

Sobre os autores

Elisa Gonsalves Possebon

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Pesquisadora do Núcleo de Educação Emocional da UFPB.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4597-504X> Contato: elisa.gonsalves@gmail.com

Fabrizio Possebon

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Pesquisador do Núcleo de Educação Emocional da UFPB.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9418-8224> Contato: fabriciopossebon@gmail.com

Recebido em: 03/07/2023

Aceito para publicação em: 30/09/2023